

O Sapo Pingo e a Gentileza

De Belisario Retto de Abreu



Pingo era um sapinho muito levado que vivia numa lagoa brilhante. Ele adorava pular e, mais ainda, adorava pregar peças. Sua peça favorita era espirrar lama em todo mundo. "Splash!", ele ria, achando a maior graça.



Um dia, a borboleta Azul pousou delicadamente numa flor. Suas asas brilhavam com todas as cores do arco-íris. Pingo viu a chance perfeita para mais uma "brincadeira".



"SPLASH!" Pingo pulou na poça de lama com toda a força! A lama voou para todo lado e cobriu as lindas asas de Azul. Ela não conseguia mais voar. Suas asas coloridas agora estavam marrons e tristes.



Pingo esperava que todos rissem, mas ninguém riu. Azul começou a chorar baixinho. Vendo as lágrimas da borboleta, o coração de Pingo ficou pesado e estranho. Ele não se sentia mais engraçado.



O senhor Casco, a tartaruga mais sábia da lagoa, aproximou-se. "Pingo", disse ele com sua voz calma. "Uma brincadeira só é divertida quando todos riem. Quando alguém fica triste, deixa de ser brincadeira e vira maldade."



Pingo olhou para as asas de Azul, sujas e pesadas. Ele entendeu as palavras do senhor Casco. Ele não queria ser mau. Ele queria consertar o que tinha feito.



Com cuidado, Pingo pegou uma folha grande e a encheu com água limpinha da lagoa. Ele se aproximou de Azul e, muito gentilmente, começou a lavar a lama de suas asas.



Demorou um pouco, mas logo as cores do arco-íris começaram a brilhar novamente. Quando a última gota de lama foi embora, Azul abriu e fechou suas asas, sentindo-as leves de novo.



"Obrigada, Pingo", disse Azul, voando em um círculo feliz ao redor dele. "Isso foi muito gentil." Pingo sorriu, e desta vez, era um sorriso de verdade. Ajudar era muito mais legal do que fazer maldade.



Daquele dia em diante, Pingo continuou a ser um sapinho brincalhão. Mas suas brincadeiras agora eram sobre fazer os outros felizes. E a lagoa se tornou um lugar ainda mais alegre, cheio de risadas e gentileza.